



O autor é membro da equipe da CEI e redator da Revista.

## Exercícios Espirituais: caminho para a liberdade

EMMANUEL DA SILVA E ARAUJO, SJ

Todos os que fazemos os Exercícios Espirituais sabemos que um de seus frutos é a profunda experiência de liberdade. Mas alguns estereótipos de Inácio o apresentam como o militar convertido, homem rígido e autoritário, fundador de uma ordem religiosa composta por homens disciplinados que renunciam à própria liberdade em nome da obediência cega. Eles seriam forjados nos Exercícios Espirituais, um método rigoroso que também pode ser aplicado a outras pessoas.

Um historiador afirma que quando Inácio mudou de vida, resolveu lutar pela Igreja Católica. Foi para a Universidade, “onde aprendeu e refletiu incansavelmente para se armar para a luta”:

“Treinou então, num esforço sobre-humano, o auto-domínio. Um pouco conforme os ensinamentos de Buda, mas com um objetivo diferente. A exemplo de Buda, ele também queria se libertar de todo desejo. Mas não era para encontrar nesse mundo o fim dos sofrimentos. Era para não obedecer a nenhuma outra vontade e a nenhum outro objetivo que não os da Igreja”<sup>1</sup>.

Outro autor demonstra como o desenvolvimento da ideia de sujeito é fundamental para o advento da Psicologia como ciência<sup>2</sup>. Na Renascença, o ser humano conhece novas civilizações e tem contato com a *multiplicidade* existente no mundo, até então desconhecida. Antes situado no contexto medieval, uniforme e fechado, agora vive um processo de dispersão em meio à diversidade do novo mundo que passa a conhecer e o confronto com a diferença o leva a perguntar-se sobre si mesmo. Com o Humanismo Renascentista surgem as noções de

1. GOMBRICH, ERNST HANS. *Breve história do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 223-224.

2. SANTI, PEDRO LUIS RIBEIRO DE. *A construção do eu na modernidade. Da Renascença ao século XIX*. Ribeirão Preto: Holos Editora, 2009, pp. 13-46.

indivíduo, de liberdade individual e de *eu*, inexistentes na Idade Média<sup>3</sup>.

Mas surgem também “procedimentos de contenção do eu”, como o manual elaborado por Santo Inácio, que visa a “afirmação da identidade sobre a dispersão do sujeito, guiando-o de volta para Deus” para retomar o controle sobre a emergente liberdade individual:

“...o homem é livre para ser o que é e parece estar perdido; ele precisa e pode, portanto, dirigir sua livre vontade ao caminho correto para se encontrar. O que ele precisa é de um manual de instruções, uma técnica para dirigir sua ação. Em *Os Exercícios Espirituais*, são propostos uma série de procedimentos, com duração de 28 dias, cujo cumprimento rigoroso deverá levar o praticante à iluminação”.

Com base em alguns trechos dos Exercícios<sup>4</sup>, conclui:

“Assim, a liberdade humana é reconhecida apenas para lhe atribuir a causa da perdição humana. Curiosamente, a salvação implica justamente em abrir mão de forma absoluta dessa liberdade transferindo-a à autoridade religiosa com toda a boa vontade e determinação do sujeito. A submissão do sujeito deve ser absoluta, esse é o preço a pagar pelo repouso numa certeza sem conflitos. Exige-se disciplina, dedicação e, sobretudo, que se abra mão da própria experiência imediata em favor da palavra da Igreja”.

A partir desses exemplos, vejamos alguns elementos dos Exercícios e da experiência de Inácio que demonstram justamente o contrário: o itinerário dos Exercícios Espirituais forja pessoas que encontram a profunda liberdade pela qual se realizam plenamente no seguimento de Jesus, em amor e serviço.

## 1) Origens dos Exercícios: a experiência de Inácio de Loyola

Inácio, “até os 26 anos foi homem entregue às vaidades do mundo”<sup>5</sup>. Ferido na batalha de Pamplona, vive uma longa convalescença em Loyola. Com a leitura da *Vita Christi* e do *Flos Sanctorum*, desencadeia-se nele um processo de transformações profundas à medida que ia “afeiçoando-se ao que lia”<sup>6</sup>. Ao imagi-

3.“O que caracteriza a sociedade medieval, em contraste com a moderna, é a ausência, naquela, de liberdade individual. Em sua fase inicial, todas as pessoas se achavam agridoadas ao respectivo papel social. (...) A ordem social era concebida como uma organização natural, e ser uma parte definida dela dava ao homem uma sensação de segurança e de relacionamento.” Mas essa sociedade “mantinha-o escravizado”: “A sociedade medieval não despojava o homem de sua liberdade porque o indivíduo ainda não existia: o homem estava ainda relacionado com o mundo pelos vínculos primários. Ele ainda não se concebia como indivíduo, salvo através de seu papel social (que era então, igualmente, seu papel natural)”. Ele também não via os outros como indivíduos, pois não havia a consciência do eu individual de si próprio e do mundo, como entidades isoladas. Cf. FROMM, ERICH. *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, pp. 43-48.

4. Anotações 1 e 5, Título [22], Princípio e Fundamento [23], Regras para sentir com a Igreja [352;361;365;367;369].

5. INÁCIO DE LOYOLA. *Autobiografia*. São Paulo: Loyola, 1991, 1.

6. *Ibid*, 6.

nar-se seguindo o caminho dos santos, percebe em si uma intensa e duradoura alegria interior. Ao imaginar-se voltando à vida passada, percebe uma alegria passageira, que acaba em grande vazio interior. Se antes era movido por desejos de honra e glória, agora percebe movimentos interiores diversos, uns para a glória do mundo, outros para o caminho dos santos. Ele, “*sem ter conhecimento das coisas interiores espirituais*”<sup>7</sup>, vive um processo de transformação marcado pela diversidade de pensamentos e sentimentos, que o levam a descobrir a diversidade de moções e de espíritos que as causam. Assim, aprende a ler os movimentos pelos quais Deus se manifesta em sua vida.

Com essa experiência, descobre o caminho da vida verdadeira. O gesto de vestir-se como um pobre e dar suas roupas de nobre a um mendigo<sup>8</sup> expressa sua decisão de deixar a vida fútil da corte para assumir a vida nova que Deus lhe oferecia. Esse passo não foi dado por coação nem por medo da condenação eterna, mas pela descoberta do tesouro maior<sup>9</sup>, pelo qual vale a pena trocar tudo que antes tinha valor. Só por essa menção vemos que se trata de um gesto de profunda liberdade. Conhecendo a vida de Inácio e tudo o que ele fez, já podemos intuir que um homem escravo da lei e da instituição, que não pretendia mais que cooptar seguidores e seguidoras, igualmente escravos, não poderia ter tamanha fecundidade humana, espiritual e apostólica. Isso só é possível quando vem de pessoas livres, felizes e realizadas.

Desse modo, “os Exercícios nasceram da experiência na qual Inácio resolveu, por sua própria conta, o problema da sua liberdade na história”<sup>10</sup>. Com o passar do tempo, ele tematiza e sistematiza essa sua experiência. O que fez “foi, caindo na conta de como Deus o ensinava, refletir sobre sua própria experiência, para fazer com que outras pessoas aproveitassem desta experiência. Assim nasceram os Exercícios”<sup>11</sup>. O livro dos Exercícios não é fruto de um estudo; nem se trata de um manual de instruções com técnicas para conduzir o exercitante a abrir mão de sua liberdade. É o resultado da longa maturação espiritual de um homem que se deixou afetar internamente por Deus e descobriu que caminho trilharia para viver em comunhão com Ele, livre e em plenitude.

A experiência pessoal de Inácio é única e irrepetível, mas ele traduziu seu itinerário espiritual neste método objetivo, para que

7. Ibid, 30.

8. Ibid, 18.

9. Cf. Mt 13,44-46.

10. FESSARD, GASTON. *La dialectique des Exercices Spirituels de Saint Ignace de Loyola. Temp – Liberté – Grace*. Paris: Aubier, 1956, p.7.

11. VÁSQUEZ, ULPIANO. Pequenos “avisos” sobre a orientação espiritual, in *Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana*, 18 (1994) 55.

outros pudessem fazer a própria experiência. Assim, o primeiro elemento a se destacar é que, para compreender a dinâmica interna do processo dos Exercícios e os frutos que ela produz na vida de quem os faz, é preciso viver a experiência aí proposta.

## 2) Exercícios Espirituais: um processo mistagógico

Gaston Fessard mostra que Inácio não propõe um tratado de dogmática nos Exercícios. Ele recebe o exercitante em sua condição existencial – cristão culto ou não, firme ou vacilante na fé – e o ensina a *ordenar a própria vida* à luz das verdades da fé cristã. Assim, o exercitante aprende a se apropriar das verdades que já conhecia, mas sem ter relação existencial com elas, de modo que, ao fazer os Exercícios, alcança nova visão e experiência da vivência da fé. Se antes os dogmas da Igreja eram verdades especulativas, objetos de uma adesão intelectual e superficial, nos Exercícios os fatos distantes se aproximam e os mistérios são vividos e sentidos como revelados de maneira pessoal. Desse modo, o exercitante vive uma experiência de fé cujo fruto é o amadurecimento da liberdade, até se conformar com a liberdade divina<sup>12</sup>.

Inácio é um mistagogo<sup>13</sup>. A experiência de Deus é em sua vida uma realidade e uma necessidade. Os Exercícios vão retratar as principais etapas desta experiência – Loyola, Jerusalém, Manresa, La Storta – em um método que introduz a outros na própria experiência do Mistério. Não se trata, portanto, de um tratado de meditações nem de um manual de dogmática, e sim de uma pedagogia que introduz em uma progressiva experiência espiritual.

Por isso, *“por esta expressão, Exercícios Espirituais, entende-se qualquer modo de examinar a consciência, meditar, contemplar, orar vocal ou mentalmente, e outras atividades espirituais de que adiante falaremos. Porque assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, também se chamam exercícios espirituais os diferentes modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si as afeições desordenadas e, afastando-as, procurar e encontrar a vontade de Deus na disposição da própria vida para o bem da mesma pessoa”* [1]. Os Exercícios visam, por uma série de práticas, a iniciação mistagógica, e quem os dá deve limitar-se a narrar breve e fielmente a matéria da

12. Cf. FESSARD, *op. cit.*, pp. 9-10.

13. Cf. MELLONI, JAVIER. *La mistagogía de los Ejercicios*. Bilbao-Santander: Mensajero-Sal Terrae, 2001.

oração, pois “*não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear internamente as coisas*” [2].

### 3) Liberdade: dom do Espírito

Antes de mais considerações, é importante destacar que, para Inácio, a liberdade não se reduz à autonomia moderna, mesmo que ele esteja com os pés na modernidade nascente: ela está inscrita na tradição teológica e mística da Igreja. Ilustremos essa afirmação destacando alguns pontos da Teologia Paulina, segundo a qual liberdade é dom do Espírito, que liberta da escravidão do pecado (Rm 6,11), da morte (Rm 6,18.22) e do jugo da lei (Gl 4,21-31). Cristo nos chamou à liberdade (Gl 5,13) que vem de Deus e “nos libertou para que permaneçêssemos livres” (Gl 5,1), de modo que “em Cristo nós temos, pela fé nele, a liberdade de nos aproximarmos de Deus com toda a confiança” (Gl 3,12).

Assim, a liberdade não é autodeterminação do sujeito, mas sempre resposta ao chamado de Deus que o deixa totalmente livre para dar o seu consentimento ou não. Em sentido teológico, é a condição humana desejada por Deus para que Ele possa ser conhecido pela pessoa livre, ou seja, por um sujeito autêntico, apto ao diálogo e a estabelecer relações de aliança.

Todas as pessoas são filhas de Deus pela fé em Jesus Cristo (Gl 3,26). Na liberdade se constrói o diálogo do filho confiante, que doa o próprio ser ao Pai. Por esse motivo, a liberdade é essencialmente abertura para Deus, em Cristo, no dom do Espírito Santo: “Onde está o Espírito do Senhor está a liberdade” (2Cor 3,17)<sup>14</sup>. Essa é a liberdade cristã, que nasce das relações filiais do fiel com Deus, características da economia da salvação. Todo regime legal esclerosado e esclerosante é superado definitivamente pela vinda de Cristo, o libertador (Gl 3,13), que eleva o ser humano à condição de filho (Gl 4,4-5). Assim, o que prevalece é o amor filial e não a lei; esta é o símbolo de toda normativa imposta de fora<sup>15</sup>, e quem vive preso a ela não se tornou filho de Deus pela ação do Espírito (Rm 8,14).

Isso não significa que não há normas<sup>16</sup>, mas que a salvação é graça, dom do amor gratuito de Deus; não vem da observância rígida e mecânica dos preceitos legais, como fruto e conse-

14. Cf. DELLA CROCE, GIOVANNA. *Liberdade*, in AN-CILLI ERMANO E PONTIFÍCIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM (Orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2012, pp. 1480-1483.

15. Cf., por exemplo: Rm 3,27.31; 5,20.

16. O próprio Paulo teve que enfrentar as interpretações distorcidas de suas afirmações. Cf. 1 Cor 6,12; 7,21-27; 8,9.

quência dos méritos pessoais, de modo que só seria salvo quem se submetesse para conquistar a benevolência divina. A liberdade diante da lei tem um sentido salvífico. Libertando o ser humano do pecado, Deus o liberta também da maldição da lei. O dom do Espírito é o sinal da nova economia e, por seu impulso, há uma motivação totalmente nova na conduta humana: liberta por Cristo da escravidão do pecado (1Cor 6,20), a pessoa se converte, agradecida, por sua própria vontade. Ela muda sua conduta porque é movida pelo Espírito, e não por coação externa<sup>17</sup>. E, enquanto ato de decisão humana, essa transformação é, também, graça.

É aí que a liberdade cristã atinge sua densidade mais profunda, pois “a letra mata, mas o Espírito comunica a vida” (2Cor 3,6). *Letra* significa a lei escrita e exterior, do Antigo Testamento, comparada com a lei interior do Novo Testamento<sup>18</sup>. Santo Tomás afirma, ao comentar esta passagem de Paulo: “Por letra deve-se entender qualquer lei exterior ao homem, também os preceitos morais e evangélicos. Assim, a própria letra do evangelho mataria se não existisse a graça interior”<sup>19</sup>. É bom frisar que aqui não se trata de subjetivismo, nem anomia ou anarquia. Significa, sim, que quem segue Jesus é vivificado pelo Espírito e impulsionado pela graça, de modo que nenhuma outra lei o coage: “Agora, porém, estamos livres da lei, tendo morrido para o que nos mantinha cativos, e assim podemos servir em novidade de espírito e não na caducidade da letra” (Rm 7,6). O Espírito inscreve a lei a ser seguida no mais íntimo de cada pessoa: é uma carta de amor de Deus “escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações” (2Cor 3,3).

Santo Tomás, referindo-se a Jer 31,33b<sup>20</sup>, afirma que “a lei nova é principalmente a graça do Espírito Santo escrita nos corações dos fiéis”. A obediência do fiel não é infantil, mas resposta agradecida ao chamado interior de Deus que o ama, pois a filiação divina gera um dinamismo novo e único, que orienta sua conduta pela exigência de um amor que a radicaliza ainda mais, porque toda a lei encontra sua plenitude no preceito do amor: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo”<sup>21</sup>. Assim, a pessoa é livre no sentido mais pleno e mais significativo, porque todo ato humano, realizado em vista da salvação, traduz a atividade divina de libertação da liberdade, em Cristo, me-

17. Cf. CASALEGNO, A. *Paulo: o evangelho do amor fiel*. São Paulo: Loyola, 2001, pp. 229-243; 255-266.

18. Cf. nota j a este versículo, Bíblia de Jerusalém.

19. STh, Ia - IIae, q. 106, a. 2.

20. “Porei minha lei no fundo de seu ser e a escreverei em seu coração”; STh, Ia, q. 106.

21. Gl 5,14. Não mais o membro do mesmo povo, como no Levítico, mas todo membro da família humana (Lc 10,29-37), agora identificado com Cristo em pessoa (Mt 25, 40.45). Para Paulo, o segundo mandamento inclui necessariamente o primeiro (Cf. nota h, Bíblia de Jerusalém).

diante a graça. Por parte da pessoa, significa uma decisão irrevogável diante de Deus: na mais profunda e radical liberdade, ela permite que Ele tome posse do seu íntimo e vai buscar *sempre aquilo que mais a conduz ao fim para o qual foi criada* [23].

#### 4) Liberdade: dom e tarefa do ser humano inacabado

Desse modo, ao escrever os Exercícios, as Constituições da Companhia de Jesus e suas Cartas, Santo Inácio tem uma antropologia implícita, fundamentalmente *Teológica*, que é definida no Princípio e Fundamento [23]: o ser humano tem no Criador sua referência fundamental e constitutiva - seu Princípio e Fundamento - e só pode ser compreendido assim. Deus é, então, seu *fim* e torna relativas todas as coisas: a criação, a história, os interesses pessoais... Tudo é ordenado para Ele. E a autorrealização humana, atual e escatológica - *salvar sua alma* - só acontece em relação a esse *fim*. Ao "*despertencer-se*" para se referir ao *fim para o qual foi criado* e sempre *buscar o que mais conduz* a esse fim, faz-se livre e disponível para servir, conforme a vontade de seu Criador e Senhor. E assim encontra a vida em plenitude.

Somente com essa chave de leitura se pode compreender a dinâmica dos Exercícios e o itinerário para a liberdade que ela traça: liberdade e graça são inseparáveis e o ser humano é livre na medida em que aceita seu *fim* na vida e chega a ser *louvor, reverência e serviço*. Àquele que é seu *Princípio e Fundamento*. Trata-se de um caminho que possibilita ao sujeito escolher livremente sua vida: "a graça opera humanidade e resolve seu drama histórico"<sup>22</sup>; *Liberdade é dom e conquista*. Homem e mulher são chamados a acolherem a graça e a trabalharem para que suas vidas sejam *louvor, reverência e serviço a Deus nosso Senhor* [23], ou seja, para viverem a comunhão. O ser humano conquista a liberdade na medida em que aceita seu fim e se exercita para chegar a ele: EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS... PARA TIRAR DE SI TODAS AS AFEIÇÕES DESORDENADAS... Esse movimento é sempre articulação de graça e liberdade, da ação da graça e dos meios que o exercitante coloca. O Pe. Kolvenbach, comentando o título dos Exercícios [21], afirma:

*"Sem o dinamismo do Espírito, a definição de Exercícios Espirituais 'para vencer-se a si mesmo e ordenar sua vida, sem*

22. RUIZ PÉREZ, F. Hombre, in GARCIA DE CASTRO, JOSÉ (Dir). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, II. Bilbao-Santander: Mensajero-SalTerrae, 2007, p. 943

*determinar-se por afeição desordenada alguma'* [21] ressoaria como voluntarista, sadomasoquista e pelagiana. Todo o contrário da liberdade e da alegria no Espírito que o mestre Inácio queria acolher. Somente quando o Espírito nos exercita, o *'vencer-se a si mesmo'* se insere na Páscoa do Senhor. Só então o *'ordenar sua vida'* se realiza como a irrupção de Pentecostes, e seu amor assume todos os nossos afetos e energias."<sup>23</sup>

O itinerário dos Exercícios é, então, *processo mistagógico*, em que o exercitante coloca os meios para configurar-se cada vez ao seu Senhor, de modo a livremente *buscar e encontrar a vontade de Deus na disposição da sua vida* [1]. É *mistagógico* porque é iniciação à experiência do Mistério. E é *processo*, pois o ser humano nunca está pronto; está sempre *em vias de solução* porque não nasce programado. É livre, artesão da própria história, que precisa configurar seus mecanismos antropológicos, modelar suas pulsões, ordenar seus afetos e não pode viver guiado pelos instintos, como o animal. Nascido sem estar pronto, sempre incompleto e inacabado, tem ânsia de plenitude, que o mantém *em busca do que mais conduz ao fim para o qual foi criado*<sup>24</sup>.

Desse modo, inacabado que é, precisa sempre se refazer no caminho de conquista da liberdade – *fazer-se indiferente*. Ele nunca *se torna* indiferente de uma vez por todas, pois a liberdade é conquista de cada dia, um *processo*, uma busca que nunca acaba. Mas na experiência de configurar-se diariamente ao seu Senhor, a graça atua e o faz livre. Por isso Inácio vai manter a pessoa sempre *buscando* os meios possíveis para alcançar o *fim: liberdade é dom e é tarefa*.

## 5) A experiência da liberdade nas várias etapas do processo mistagógico

O exercitante percorre um itinerário espiritual ao longo dos Exercícios, em várias etapas distintas, inter-relacionadas e complementares. Em cada etapa ele faz uma experiência de Deus com matizes próprios. A dinâmica dos Exercícios o encaminha sempre para a Eleição ou Reforma de Vida. A Anotação 1a mostra que a eleição é o principal objetivo: o exercitante vai *"buscar e encontrar*

23. KOLVENBACH, em 16/05/87, citado em LÓPEZ TEJADA, DARIO. *Los ejercicios espirituales de San Ignacio de Loyola – Comentarios y textos afines*. Madrid: EBIDESA, 1998, p. 130.

24. Cf. RUIZ PÉREZ, F. *Teología del camino. Una aproximación antropológico-teológica de Ignacio de Loyola*. Bilbao-Santander: Mensajero-Sal Terrae.

*a vontade de Deus na disposição de sua vida*” [1]. Desse modo, os Exercícios são um itinerário de libertação interior que proporciona o acesso progressivo à liberdade. Ao longo de todo o processo, o exercitante busca e aprende a ser livre<sup>25</sup>.

### a) O Princípio e Fundamento

No Princípio e Fundamento, o exercitante descobre o *fim para o qual foi criado – louvar, reverenciar e servir* – e experimenta que foi criado por puro amor para atingir esse *fim*. Isso significa que ele é ser *responsável*, isto é, capaz de responder “em liberdade diante de um Deus criador que cria o homem com um desígnio de relação pessoal, e por isso um ser que só realizará seu sentido na medida em que, livre e responsabilmente, reconheça e realize esse desígnio”<sup>26</sup>. Atingi-lo é condição para ser salvo, isto é, ter uma existência plena e feliz já nesta vida, a caminho da plenitude na vida definitiva. Para viver assim, a pessoa tem de ser livre, reconhecendo que Deus é o único absoluto: Deus é Deus, eu não sou Deus, pessoa nem coisa alguma é Deus.

No Princípio e Fundamento, a condição para alguém começar os Exercícios é a *indiferença* e a disposição para *desejar eleger somente aquilo que mais conduz ao fim para o qual foi criado* [23]. No Diretório ditado ao Pe. Vitoria, Santo Inácio diz que, no Princípio e Fundamento, *nos colocamos totalmente nas mãos de Deus nosso Senhor*. Os Exercícios só acontecem de verdade se o exercitante tem atitude de oferecimento livre e radical a Deus e de prévia aceitação de sua vontade. Assim ensina a Anotação 5a: “muito aproveita a quem faz os Exercícios entrar neles com grande ânimo e generosidade para com seu Criador e Senhor, oferecendo-lhe seu querer e liberdade, para que a divina Majestade, conforme sua vontade santíssima, se sirva de sua pessoa e de tudo o que possui”.

Essa entrega incondicional exige desprendimento de tudo que possa impedir a pessoa de dar esse passo. Por isso é necessário *vencer-se a si mesmo* e superar as *afeições desordenadas* [21], pois elas não permitiriam uma eleição livre e autêntica. Para Santo Inácio, o amor desordenado da pessoa por si mesma e pelas coisas fecha as portas para *o amor que vem do alto*, o único que deve prevalecer na eleição [184]. Desse modo, as coisas criadas formam o horizonte concreto diante do qual se exercita

25. As afirmações que são feitas na descrição de cada uma das etapas sobre o itinerário de conquista da liberdade ao longo do processo dos Exercícios são baseadas em LEWIS, JACQUES. *Lignes dynamiques des Exercices*. Cahiers de Spiritualité Ignatienne, 13 (1980) 3-15 e VIVES, JOSEP. *Servir en libertad*. Manresa, 246 (1991) 1-22.

26. VIVES, op. cit. p. 4.

a liberdade e o uso delas é o campo em que a pessoa encontra a possibilidade de realizar-se acolhendo ou rejeitando a oferta singular e única pela qual o Criador a faz sua interlocutora.

## b) A Primeira Semana

Historicamente, o ser humano fez mau uso da liberdade, de modo que ela perdeu sua orientação originária ao bem e ele deixou de ser livre. A Primeira Semana confronta o exercitante com a trama do pecado na história e na própria vida. Ele faz a experiência do mal, toma consciência da pecaminosidade pessoal e histórica, da sua situação de escravidão e da necessidade absoluta de salvação em Jesus; faz a experiência da misericórdia e sente-se um pecador profundamente amado por Deus. Para Inácio, “a salvação é a recuperação da nossa liberdade para o Espírito e, com isso, a recuperação do dom da comunhão livre e amorosa com Deus”<sup>27</sup>.

Desse modo, a Primeira Semana visa garantir a construção da liberdade em relação a todo impedimento vindo do espírito, da vontade e do coração. Após pedir insistentemente a graça da *vergonha, confusão, dor e lágrimas* pelos pecados, os dois primeiros exercícios são repetidos, pedindo-se *conhecimento interno dos próprios pecados, sentimento da desordem das próprias operações e conhecimento do mundo, seguidos de aborrecimento* [63]. Pecado, desordem e espírito mundano vão diretamente contra Deus e a liberdade e devem ser afastados, pois comprometerão a autenticidade da eleição.

## c) A Segunda Semana

Feita a experiência da misericórdia e da conversão, o exercitante se sentirá livre e com o coração transbordante de generosidade e de desejo de comunicar o que experimentou. Na dinâmica dos Exercícios ele não é apenas liberto do pecado, mas liberto para Deus e seu serviço. A partir de agora, vai buscar a graça da identificação cada vez mais profunda e afetiva com Jesus, pois é o amor pelo Senhor que vai lhe dar a capacidade de ordenar sua liberdade para servir, de mobilizá-la à entrega gratuita, generosa e feliz à vontade de Deus.

### c.1) O Exercício do Reino

A Primeira Semana atende ao objetivo expresso no Título [21], na Anotação 1a [1] e no Princípio e Fundamento [23] e

27. Cf. VIVES, op. cit., p.6

conduz diretamente ao Exercício do Reino [91-98]. Diante da pergunta “*o que devo fazer por Cristo?*”, de quem acaba de experimentar a Misericórdia de Deus e está com o coração cheio de amor e generosidade, o exercitante é colocado diante do Rei Jesus, apresentado como a realização prática do ideal do Princípio e Fundamento. O Rei Eterno o chama a segui-lo no serviço da sua causa – a salvação universal – e a identificar-se com Ele da maneira mais plena possível a uma criatura humana. Ao responder generosamente ao chamado, realizará o Princípio e Fundamento em sua vida.

Essa resposta, concretizada na *oblação* [98], só será possível se houver liberdade. Como exemplo da articulação entre graça e liberdade nos diversos exercícios, vejamos como ela se apresenta aí: “... quero e desejo e é minha determinação deliberada...” – componente *ativo* da determinação da vontade, em que o exercitante se coloca decididamente na sua oferta ao Rei Eterno – “...desde que seja para vosso maior serviço e louvor...” – componente *passivo*, em que na gratuidade do dom, Deus aponta o caminho e o exercitante o acolhe colocando ativamente os meios. Note que aquilo que ele quer e deseja é o ideal do Princípio e Fundamento.

### c.2) Da Encarnação à Eleição

A Segunda Semana introduz a *contemplação dos Mistérios da vida de Cristo*. O exercitante busca a graça do *conhecimento interno* que o faz crescer no amor ao seu Senhor e garante a liberdade para *mais amá-lo e segui-lo* [104]. No processo que aqui se inicia e vai até o final dos Exercícios, ele voltará sempre à busca da liberdade e disponibilidade, iniciada no Princípio e Fundamento, pela repetição, a cada exercício, da *oração preparatória* [46], que já vem fazendo desde o início da Primeira Semana<sup>28</sup>.

No exercício do Reino, ele ouviu o apelo do Rei e expressou seu desejo de responder positivamente, mas ainda não sabe qual a maneira específica e pessoal de concretizar a resposta. *Contemplando a vida do Rei*, buscará descobrir *a vontade de Deus na disposição de sua vida*, na experiência de *conhecer mais intimamente ao seu Senhor*. Não se trata de fazer uma série de considerações piedosas sobre Jesus, nem estudo de Cristologia, mas se trata do encontro com uma pessoa, Jesus Cristo, e da assimilação progressiva, experiencial

28. LEWIS, op. cit., p. 5

e existencial do mistério de Cristo através desse encontro. Os mistérios evangélicos formam uma unidade, de modo que no exercício do Reino e em todas as contemplações seguintes, o que está em jogo é toda a vida de Cristo: Jesus aparece como o Senhor que passará por *injúrias, humilhações e pobreza* [98]<sup>29</sup>.

Assim, a adesão à pessoa de Jesus se dá à medida que o exercitante vai entrando, pouco a pouco, nas etapas de vida percorridas pelo Senhor e no caminho que vai de sua *kénosis à sua glória*, sendo atraído interiormente por ele. Este conhecimento interno se dará pelo diálogo, pelas experiências de consolação espiritual, num clima de oração e contemplação. É a identificação afetiva e efetiva com o Senhor Jesus que possibilita a livre acolhida da orientação da liberdade dada por Deus na eleição. Assim, a experiência de graça que nasce dessa intensa busca é que mobiliza de tal modo a liberdade, que o exercitante segue livremente, por amor, o caminho do seu Senhor<sup>30</sup>.

Nessa busca são fundamentais os exercícios conhecidos como *Jornada Inaciana*, que visam verificar as disposições do exercitante e levá-lo às melhores condições de liberdade possíveis para a Eleição autêntica: nas Duas Bandeiras, ele se pergunta se está vendo com clareza as intenções de Cristo, que o chama à liberdade do dom, e as de satanás, que quer atraí-lo à escravidão da apropriação; nas Três Classes de Pessoas, se tem mesmo liberdade para eleger o que seja para a maior glória de sua Divina Majestade; nos Três Graus de Humildade, se está disposto a se submeter totalmente a Deus a ponto de querer eleger o que Cristo nosso Senhor viveu<sup>31</sup>. O exercitante tem de ter a firme vontade de ser livre para a sã eleição.

Ser livre aqui não é fruto de um esforço voluntarista, mas trata-se de descentralizar-se por um novo amor. Inácio, grande conhecedor do ser humano, é consciente de que não se muda um objeto de amor se um novo objeto de amor não entra para possibilitar o redirecionamento das energias afetivas. No esquema inaciano, este "*objeto*" que canaliza os afetos é Jesus: a paixão por Deus e seu Reino, que nasce do conhecimento interno do Senhor, é que vai unificar os afetos para mais amá-lo e segui-lo.

#### d) A Terceira Semana

A adesão a Jesus que nasce desta experiência terá consequências na vida do exercitante. Por isso, a pedagogia inaciana fará

29. *Ibid.*, pp. 12-14.

30. Cf. A. GARCÍA, JOSÉ. "*El hombre es creado para...*" (EE 23). *Carácter vectorial y autotranscendente del ser humano*. Manresa, 314 (2008) pp. 5-17

31. LEWIS, op. cit., p. 5

com que ele viva antecipadamente as dificuldades do seguimento. Ele não as vive na própria carne, mas na do Senhor a quem segue, e não como espectador, mas como participante: é introduzido na experiência da Cruz. Assim, quando as dificuldades aparecerem no concreto da vida, já terá feito a experiência interna de estar com o Crucificado, e viverá as dificuldades com liberdade, comungando com o seu Senhor.

Desse modo, a eleição não é o ponto final da busca da liberdade. Na Terceira Semana o exercitante trilha o mesmo itinerário do Cristo Crucificado, perguntando-se: *o que devo fazer e padecer por Ele?* [197]. Na Primeira Semana, perguntou, diante da Cruz: *o que devo fazer por Cristo?* [53]. Na Eleição, respondeu concretamente a essa pergunta. Aqui mobiliza as próprias forças para assumir o compromisso da Eleição: trata-se de profunda descentralização de si mesmo ao associar-se ao mistério da Cruz de Cristo. Mais uma vez a exigência de liberdade maior, para viver até as últimas consequências o que Deus chamou a eleger<sup>32</sup>.

#### e) A Quarta Semana

Se há cruz no caminho do discípulo, ela tem que ter sentido. O exercitante fará esta experiência ao estar existencialmente presente com o Ressuscitado que exerce seu *ofício de consolador* [224]. A Quarta Semana tem por objetivo impregná-lo com a vida nova que brota da Ressurreição de Cristo e que não se projeta sobre o céu mas desce do alto [237] e se projeta na história para transformá-la<sup>33</sup>. Nas contemplações ele experimentará *os verdadeiros e santíssimos efeitos da ressurreição* [223].

Aqui, aquele que passou com Cristo pela Cruz é chamado a uma gratuidade ainda maior: acompanhar o Senhor gozoso e voltar-se por completo a ele, pelo simples fato de vê-lo tão pleno de gozo. É a perfeita superação de si mesmo, que exige grande liberdade para não buscar nada para si, nem se propor a nada, mas simplesmente unir-se a seu Senhor, alegrando-se por sua plena alegria<sup>34</sup>.

#### f) A Contemplação para Alcançar o Amor

No Princípio e Fundamento, o exercitante se defrontava com a tarefa do tempo de Exercícios: tornar-se livre no amor para *louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor e, assim,*

32. Ibid. p. 6

33. Cf. MELLONI, op. cit., p. 241

34. Art. cit., *Lignes...* p. 6

*salvar-se* [23]. Na Contemplação para Alcançar o Amor [230-237], ele toma consciência de que, no tempo de Exercícios, encontrou-se com o Amor e teve a generosidade de fazer a eleição que acolheu o Amor em pontos concretos de sua vida. Agora precisa ainda mergulhar no Amor de tal maneira que a eleição se concretize no cotidiano: *Ad Amorem* é a ponte entre os Exercícios e a vida cotidiana, a porta de saída para que o exercitante passe *da moção à ação na missão*.

A Contemplação para Alcançar o Amor é o último exercício de liberdade do tempo Exercícios, que aponta para o mesmo exercício necessário na vida cotidiana. Aqui se pede conhecimento de todo bem recebido de Deus para, em um movimento de total reconhecimento, poder *em tudo amar e servir à sua divina Majestade* [233]. Reconhecidos os benefícios, o exercitante sente-se movido a oferecer tudo a seu Criador e Senhor: *Tomai Senhor e recebei...* E o que ele diz primeiro é: *tomai e recebei toda a minha liberdade*; o amor é impensável sem a liberdade e a liberdade conquistada é oferecida ao Senhor por amor, que é a única força capaz de concretizar na história as opções assumidas nos Exercícios. Nesse sentido, para o exercitante, oferecer tudo o que tem e possui e dispor-se em tudo à vontade de Deus é o ponto máximo da liberdade conquistada nos Exercícios e o passo decisivo para viver a eleição como exercício de liberdade na vida cotidiana<sup>35</sup>. Essa rendição da liberdade não é sua negação, nem impede seu exercício: o que a pessoa faz é, consoladamente, fixá-la no Criador e Senhor de todas as coisas.

## 6) O Exame: para viver a liberdade no cotidiano

A Anotação 1a [1], quando lida à luz do processo vivido nos Exercícios, dá alguns indicadores da correspondência dessa experiência com a vida concreta do exercitante no tempo que a eles se segue e de como vivenciá-los<sup>36</sup>:

a) *Todo modo de preparar e dispor a alma...* Indica uma *atitude responsável* que brota da experiência vivida. A pessoa está *preparada e disposta* a assumir nova configuração para sua vida, que influenciará em sua *história* e acontecerá no *tempo* que se segue aos Exercícios. Ela é uma *tarefa* que exige empenho no cotidiano.

35. *Ibid.*, p. 6-7

36. Cf. CHÉRCOLES, ADOLFO. *La oración en los Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola*. EIDES, 49 (2006) 29-32.

b) *...para tirar de si todas as afeições desordenadas...* Ao tomar nas mãos a própria história, com a graça Deus e o olhar em Jesus, na força do Espírito Santo, a pessoa dá nova configuração à sua vida e rompe com o passado negativo que a prendia, condicionava e lhe tirava a liberdade. Haverá momentos em que se sentirá desintegrada, porque não está pronta: é sempre processo.

c) *...e depois de tiradas...* Agora vive em nova perspectiva, porque sua vida foi reconfigurada pela moção central que Deus lhe deu nos Exercícios e que ela acolheu. Os apegos e as afeições desordenadas podem voltar, mas agora ela conhece esses movimentos e é capaz de decidir, livre e responsavelmente, o que fazer: seu *presente* é vivido de maneira nova.

d) *...para buscar e encontrar a vontade de Deus na disposição de sua vida...* Constatada a ruptura com as *afeições desordenadas* e também a *nova configuração* dada por Deus e acolhida por ela, pode a pessoa abrir-se ao *futuro novo de Deus*, orientando sempre sua vida para o *fim para o qual foi criada*: ela é uma *contemplativa na ação*, que se determina livremente por Deus em sua vida.

Para a pessoa ser fiel a esse processo vital, é fundamental manter sempre a atenção para descobrir as novidades que Deus lhe propõe na trama histórica da vida e para perceber as armadilhas e sutilezas do mal, que afastam d'Ele e do Reino. As propostas de Deus só se concretizam com as respostas históricas e positivas ao seu convite. Inácio sabe da dificuldade para exercer a liberdade em meio às diversas moções interiores, nem sempre transparentes em sua direção. Por isso ensina que o discernimento é um trabalho que não termina com a conclusão dos Exercícios, mas é processo contínuo, no qual a liberdade nunca está definitivamente garantida e os condicionamentos a ela estão sempre presentes. O muito examinar-se é fundamental para garantir o exercício constante da liberdade<sup>37</sup>. Daí as importância do Exame como método de discernimento diário, que mantém atenção constante em Deus.

## 7) Conclusão

Os Exercícios Espirituais, como itinerário de conquista da liberdade em Cristo, visam à transformação do exercitante para que ele possa ser livre e ordenar sua vida ao seguimento de Jesus

37. Cf. MORANO, CARLOS DOMÍNGUEZ. *El mucho examinar, funciones y riesgos*. Manresa, 274 (1990) 1-15

e à missão. Trata-se de vencer as afeições desordenadas para buscar e encontrar a Deus em todas as coisas, de tal modo que possa em tudo amar e servir. Através da comunicação com Deus, ele vai ser agraciado com o conhecimento íntimo de Jesus que possibilita atingir esses objetivos.

Na Autobiografia, depois de sua busca até o encontro com Deus e a experiência profunda de seu amor, Inácio diz que *“Ihe parecia que era outro homem e tinha outro intelecto”*<sup>38</sup>. Nos Exercícios ele propõe uma pedagogia para a mudança que tem por base uma série de procedimentos estratégicos fundamentais que proporcionam uma verdadeira transformação do eu<sup>39</sup>. Quando o exercitante os assimila, identifica-se com o Cristo Senhor e com seu Reino e, pela graça de Deus, dá novo modo e ordem à sua vida, experimenta-se reconfigurado e faz-se disponível e livre para a missão.

Segundo Santo Inácio, essa mudança se dá em três níveis: mental, de ideias e julgamentos; afetivo, de sentimentos e emoções e o nível mais profundo da pessoa, que ele chama de *interno*, em que se dá o encontro com Deus. Nos dois primeiros, a mudança acontece por *aquisição*, isto é, por um processo de vida em que a pessoa se empenha, busca e exercita a mudança. É uma peregrinação em busca da maturidade de vida cada vez maior, em conformidade com os valores do Reino. E é na graça de Deus que encontra forças para vivê-la.

No *nível interno*, a mudança acontece pela doação, pela entrega total ao Amor, pelo abandono nas mãos de Deus e pelo despojamento de si para *ser para os outros*. É essa entrega que desencadeia a transformação profunda da pessoa. Por isso, é preciso que tenha atenção constante às dinâmicas de apropriação que se instalam em sua vida [145], sempre procurando *desapegar-se do próprio querer e interesse* [189] para dizer *tomai Senhor e recebei...* [234]

Desse modo, os frutos do processo dos Exercícios levam à verdadeira liberdade, conjugada com a ação da graça de Deus. Nas várias etapas vividas, o exercitante fará a experiência interna de encontro com Jesus que configura nele a mudança de vida. “Estes frutos podem caracterizar-se como uma nova identidade do exercitante, que o ‘re-situa’ diante de si mesmo, de Deus e da realidade toda”<sup>40</sup>. Ele, assim, unifica sua vida em torno do seguimento de Jesus e pode, então, dizer que *em Cristo é uma nova criatura* (2 Cor 5,17). Essa é a experiência fundamental que brota dos Exercícios.

38. INÁCIO, op. cit. n 30.

39. Cf. MONTEIRO TIRADO, JESUS. Educação Inaciana e mudança social. São Paulo: Loyola, 2003, pp. 41-55.

40. NAJARRO REYS, EDUARDO. Viver os Exercícios Espirituais de S. Inácio de Loyola: O discernimento espiritual. *Itaici - Revista de Espiritualidade Inaciana*, 33 (1998) 55.